

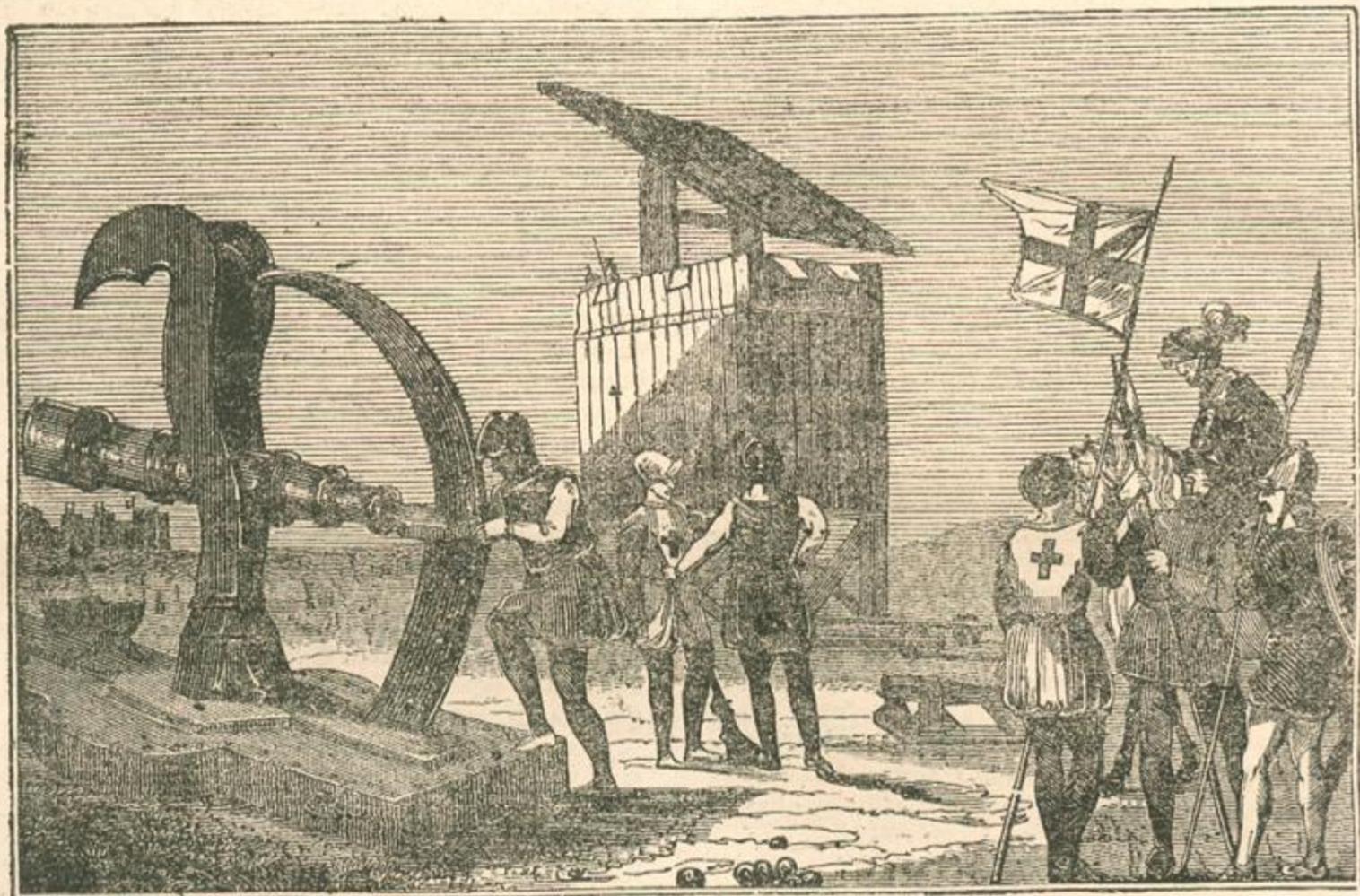
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

28. PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. | NOVEMBRO 11, 1837.



CAVALLEIROS, INFANTES, ARTILHEIROS, E MACHINAS DE GUERRA DO 15.^o SECULO.

MILICIA DA EDADE MEDIA.

JÁ em dous logares do Panorama, tivemos occasião de tractar de objectos pertencentes á milicia da edade media — quando fallámos da nossa antiga nobreza, e dando a descripção da famosa peça de Diu: mas o que dissemos a tal respeito nesses artigos foi tão somente accidental, e quanto bastava para se entender a materia de que tratavamos. Agora fallaremos em geral da milicia desses tempos, e sobre as armas e costumes militares de então, especialmente no nosso paiz: trabalho na verdade incompleto; mas que em Portugal pela primeira vez é tentado. A differença entre a arte da guerra nos seculos chamados barbaros e a de que hoje usamos, a dessemelhança das armas dos diversos tempos, o modo de organizar os exercitos, tudo nos parece dever despertar a curiosidade dos nossos leitores.

Todos os povos da antiguidade, entre os quaes a civilisação fez mais ou menos progressos, sentiram que nos combates o mister do soldado consistia não só em offender, mas tambem em defender-se. Desse sentimento, mui facil de conceber, veio que desde quasi as mais remotas eras encontramos na historia o uso das armas offensivas e defensivas. Talvez desde que houve uma espada houve um escudo: os hebreus, os egypcios, os persas vestiam armaduras mais ou menos completas: os gregos e romanos tão habeis nas artes da paz, não foram menos entendidos na guerra; e é de notar que mais ainda aperfeiçoaram e augmentaram os meios de se resguardar do ferro dos inimigos, do que os de os offender.

VOL. I.

Os mesmos barbaros do norte, sem policia, nem tracto algum de civilisação: esses homens, que em ondas se arremeçavam ás lanças romanas, e que nós esmagavam muitas vezes as legiões cubertas de ferro: estes mesmos homens ferozes, que pareciam menoscabar inteiramente a morte, procuravam abrigar-se dos golpes, cubrindo-se nos combates com escudos enormes. Derrocado por elles o throno romano, estes povos se misturaram com os vencidos. Inquietos e educados entre o estrondo das armas começaram a lutar entre si sobre o cadaver do imperio aniquilado; e dos costumes militares dos vencidos tomaram todos aquelles, que a propria barbaridade lhes deixava perceber que eram uteis. O franco, o godo, e o vandalo cubriu-se de ferro luzente; e se nas suas pelejas faltava a boa ordenança, não faltava em cada guerreiro o lustre e fortaleza das armas.

Mas a armadura dos romanos soffreu, como devia acontecer, grandes alterações nas mãos dos barbaros. Pouco sabemos ácerca dos objectos militares, durante os quatro seculos que decorreram desde o sexto até o decimo; nos monumentos do 11.^o vê-se que a armadura dos cavalleiros era toda de malha, sem exceptuar o elmo: póde-se dizer que andavam envoltos n'uma rede de ferro, tecida á feição de todo o corpo. Tanto se haviam alterado as armaduras com o correr dos tempos! — Parece que os orientaes tinham conservado mais puras as fórmas das armas defensivas dos romanos. Deveu-se isto á existencia do imperio grego de Constantinopola. Os sarracenos, nação a que podemos chamar civilisada, no meio das trévas daquella época, tambem guardaram em grau-

de parte, se não as tradições militares dos romanos, ao menos muitas das machinas, instrumentos de guerra, armas e armaduras dos antigos povos policiados. Nos monumentos da monarchia franceza do P. Montfaucon se vêem effigiados os guerreiros sarracenos, com elmos e couraças, ao pé dos christãos cubertos de saios e cervilheiras de malha.

Foi no decimo seculo que a moderna Europa começou a dar os primeiros passos da sua demorada infancia. Entretanto tinha nascido a cavallaria, que era uma necessidade social. No meio da falta das leis e dos costumes, quando a força era a cousa que unicamente se respeitava, era preciso que as almas generosas se reunissem, e a empregassem a favor da innocencia e da virtude, contra o crime e a tyrannia. Tal foi a origem desta milicia illustre, escarnevada nos tempos modernos por aquelles que abrigados á sombra da civilisação, não calculam os beneficios que a humanidade deveu á cavallaria. Por ella começou a milicia a formar um corpo separado; porque no 12.^o seculo já a ordem dos cavalleiros não era mais do que um corpo de soldados escolhidos, ligados entre si com regras e estatutos, formando de certo modo em cada paiz um exercito permanente.

La-Curne-Sainte-Palaye nos deixou uma historia da ordem da cavallaria, tirada de todos os documentos, que as chronicas e as novellas, a poezia e os archivos da idade media podiam subministrar. Esta obra escripta com extremo cuidado, e com uma consciencia pouco vulgar em escriptores francezes, ainda até hoje é a melhor que se conhece daquella brilhante instituição. Desta obra extrahiremos uma breve noticia sobre a dignidade de cavalleiro, observando primeiro que, o que vamos dizer ácerca desta é applicavel a todos os paizes; porque om todos elles os regulamentos da ordem eram semelhantes.

Naquelles tempos a classe da nobreza era muito extensa; porque havia nella cathogorias variadissimas. Era da numerosa mocidade desta classe que saíam os cavalleiros. Os que eram destinados a seguir esta gloriosa carreira, tiravam-os das mãos das mulheres, logo que chegavam á idade de sete annos, para lhes dar uma educação religiosa e guerreira. Esta educação recebiam-na nos paços dos principes, e dos grandes senhores, onde eram chamados pagens: aos quatorze annos passavam a escudeiros. A cerimonia, com que subiam a este grau, era mui simples: pae e mãe o conduziam ao altar: ali o sacerdote lhe cingia a espada. Dividiam-se os escudeiros em muitas classes, mas todas ellas se podem reduzir a duas; a dos que continuavam a servir nos paços, e a dos que se davam logo ao mister da vida aventureira da cavallaria, pondo-se ao serviço de algum cavalleiro de nome. As obrigações destes taes era cuidar das armas de seu senhor; ministrar-lhas nos combates, cura-los quando feridos, e fazer-lhes todos os mais bons officios de um amigo fiel.

Aos vinte e um annos os escudeiros podiam ser armados cavalleiros: em tempo de guerra esta cerimonia se reduzia a mui pouco, e muitas vezes centenaes de mancebos recebiam a ordem da cavallaria diante dos muros de uma fortaleza, ou no fim de uma batalha; mas, em tempo de paz, era o dar o grau de cavalleiro a qualquer uma das grandes pompas da idade media. O candidato acompanhado dos padrinhos velava as armas n'um templo, e recebidos os sacramentos, vestia-se de vestiduras brancas, e um sacerdote lhe explicava os seus deveres como christão. No dia seguinte voltava á igreja, e approximando-se do altar, com uma espada lançada a tiracollo, a apresentava ao celebrante, que a benzia, e lh'a tornava a lançar ao collo. D'alli passava a

prestar juramento nas mãos do senhor de quem dependia, acabado o qual, um ou muitos cavalleiros, e até damas, lhe vestiam as armas, com certo ritual. Depois disto o nobre, que recebera o juramento, lhe dava tres pancadas nas costas com uma espada. Então o *novel*, ou novo cavalleiro, punha o elmo ou capacete, e montava a cavallo, dando algumas voltas pelo terreiro, e brandindo a lança e espada.

Pelo regimento de guerra de D. Affonso 5.^o, inserto no primeiro livro de suas ordenações, se vê que esta cerimonia era ainda a mesma, com pouca differença no decimo quinto seculo. Neste regimento, copiado em grande parte do *Regimento e Ensinança de Principes* de Fr. João Verba, se dá a razão de todo este ceremonial. Nelle, tambem se explicam as obrigações da cavallaria, bem como os crimes por que esta dignidade se perdia.

Estes crimes consistiam em vender, ou perder as armas em tempo de guerra, em joga-las aos dados, da-las a mulheres publicas, ou empenha-las nas tabernas. O commerciar, o trabalhar em misteres vis, o fugir da batalha, e todas as mais acções, que indicassem animo vil, cobardia, ou maus costumes, faziam perder o cavalleiro sua honra. Neste caso era desautorado. A cerimonia da desautoração se descreve no regimento citado da seguinte maneira.

O cavalleiro era levado a um logar publico, sem armas. Um escudeiro lhe calçava as esporas e lhe cingia a espada: feito isto cortava-lhe com um cutello a cinta pela parte detraz, e do mesmo modo a corréa das esporas. Feito isto, o cavalleiro ficava degradado da ordem, e cuberto de perpetua infamia.

Temo-nos demorado em fallar ácerca da cavallaria; porque, como dissemos, nella consistia o nucleo e o principal nervo dos exercitos na idade media. Para maior clareza, tractaremos das suas armas em primeiro logar: depois das que usavam os soldados communs; e, deixando de fallar na artilharia, e machinas de guerra, de que já fizemos menção no artigo sobre a peça de Diu, concluiremos este rapido esboço com a noticia das antigas auctoridades militares no nosso paiz, e do modo de conduzir os exercitos.

Já dissemos, que nos monumentos do undecimo seculo, as armaduras de que os cavalleiros apparecem cubertos são tecidas inteiramente de malha, sem exceptuar a parte que defendia a cabeça: este genero de armadura consistia n'uma especie de calças, n'um saio, que descia até o joelho, e n'uma casta de barrete, a que os nossos antigos chamavam bacinete de camal, ou cervilheira. Traziam o escudo pendurado ao pescoço, o qual era geralmente semelhante a metade de uma piramide conica com o vertice para baixo. As armas offensivas eram a espada, larga e curta, o montante, comprido e estreito, a facha d'armas, especie de clava com ferro de machado, e a lança, principal arma do cavalleiro. — Estas armaduras e armas se usaram vulgarmente até o meado do decimo quarto seculo: e foi então que se generalisaram as armaduras pesadas e lisas, tomadas, em nosso entender, dos orientaes.

Estas eram mais seguras, e defendiam muito melhor o corpo; porque resistiam aos golpes sem se dobrarem, como necessariamente aconteceria á malha, ainda que de ferro. Compunha-se uma destas armaduras de diversas peças, cada uma com seu nome particular e até de diversas fórmas. Elmo era o nome generico da peça que defendia a cabeça: quando tinha cimeira, isto é algum adorno no cimo, chamava-se-lhe murrião; quando era liso e sem adorno, davam-lhe o nome de bacinete. Capacete, tambem nome generico, parece ser mais moderno. Do elmo descia por baixo do queixo uma cinta de metal, cha-

mada barbote ou babeira. A cara era defendida pela viseira, ou visagem, tecida de arcos de ferro, com dois buracos, todos engradados, diante dos olhos, aos quaes buracos chamavam vistas d'elmo. Estas viseiras giravam sobre os lados do barbote, e se podiam alevantar sobre o elmo.

Gorjal ou gorgel era a parte da armadura que defendia o pescogo, quer fosse de malha, quer compacto. Vinha este nome da palavra *gorja*, que significava pescogo; e d'ahi vinham tambem, as phrasas militares = *mentir pela gorja* = e = *desdizer-se pela gorja*. = Gocete ou bocete parece, em algumas passagens de antigos escriptores nossos, significar o mesmo que gorjal; mas o que mais commumente significa é as pregaduras, ou orlas atauxiadas dos saios de malha, e das couraças.

A couraça, que cobria o tronco, compunha-se de duas partes distinctas, o espaldar e o peito. Em geral era de couro forrada de laminas de ferro, e estofada por dentro de panno. As placas de metal chegavam até a cintura: daqui para baixo pendia a escarcella, a que tambem chamavam fraldão ou tonelete, e que era ou de peças compactas, que iam encaixar na armadura das coxas, ou de malhas, e pendente como um saio, ou finalmente como umas calças que chegavam até o joelho.

Dava-se o nome de braçaes, braccellones, ou mangotes ás peças que cubriam os braços, e que vinham terminar na manopla, ou guante, luva de ferro que defendia as mãos.

Os coxotes ou coxetes eram as peças que desciam pela parte dianteira das côxas, e iam jogar nos joelhos com as grevas ou caneleiras que completavam a armadura das pernas.

Taes eram as armas defensivas de um cavalleiro da idade media: e posto que nellas houve ainda algumas variedades em diversas epochas, como a loriga, especie de saio feito de loros, o cossote, peito mais leve, usado já no seculo 16.^o, e outras diversas castas de armaduras, abster-nos-hemos de fallar dellas, pela muita abundancia de objectos que temos de tocar neste artigo. Pelo que respeita ás armas offensivas dos cavalleiros poucas alterações nellas houve até a invenção da polvora.

Parte das peças da armadura completa eram tambem usadas pelos que pelejavam a pé, taes como o elmo, e a couraça; porque nos combates eram o peito e a cabeça os membros mais arriscados.

A' armadura completa dava-se o nome de arnez: mas tambem se acha esta palavra empregada nos nossos escriptores na significação especial de armadura do tronco.

Por cima das armas vestiam os cavalleiros a cota, que era uma especie de casaca, em que costumavam trazer bordadas as armas da sua familia, sobre tudo aquelles nobres, cuja linhagem era menos geralmente conhecida.

Tendo dado uma rapida noticia da cavallaria antiga, resta-nos tratar da infantaria, e da organização dos nossos exercitos.



SOLDADOS DE PÉ DO 15.^o SECULO.

Em Portugal a infantaria regular consistia nos bésteiros, que correspondiam aos *arbaletiers* dos francezes, e aos *archers* dos inglezes. Era a bésta certa machina semelhante a um arco para arremessar fre-

chas, e virotes. Do meio do arco vinha uma especie de cronha, sobre a qual passava a corda, que parece era puxada para o peito do soldado, quando este queria desfechar o tiro, com um certo gancho, a que

chamavam *garra* ou *garrucha*, ou por uma especie de roldana ou *polé*. A maior ou menor perfeição das béstas dava maior ou menor importancia ao bésteiro: os de *bésta de garrucha* eram os principaes, e destes alguns até andavam a cavallo; os mais ricos *arneizados*, isto é com armadura, e os outros *singellos*, isto é sem arnezes. Os de *bésta de polé* eram os de menos monta; e pelo regimento de guerra de D. Affonso 5.^o se vê que eram muito menos privilegiados.

Dava-se tambem o nome de bésteiros a outros soldados de pé, que, em vez de bésta, usavam de lanças ou chuchos: estes eram os infimos no exercito, e chamavão-lhes communmente peões.

Os bésteiros de conto eram aquelles que estavam alistados em cada comarca, e que se podiam considerar como soldados de um exercito permanente. Da ordenação de D. Affonso 5.^o se colhe que estes bésteiros eram todos de bésta de *polé*; porque os de bésta de *garrucha* eram isentos de serem alistados, podendo servir na guerra com armas e cavallo.

Já no decimo quinto seculo tivemos entre nós artilheiros: mas das escaças noticias que ácerca delles temos, apenas podemos deduzir que pela maior parte eram estrangeiros, e não formavam corpo algum regular, salvo como creados d'elrei: quanto á artilharia, referimo-nos ao que dissemos, fallando sobre a peça de Diu.

Nos primeiros tempos da monarchia os combates se reduziam ao encontro desordenado dos dois exercitos, e o valor individual decidia do seu exito: a tactica principiou no seculo 14.^o, e ainda então eram mui curtos os conhecimentos que entre nós havia desta arte, hoje tão difficil e complicada. O soccorro que os inglezes deram a elrei D. Fernando nas guerras com Castella, parece que foi causa de se reformarem as cousas da milicia portugueza. Nós devemos então áquelle povo guerreiro uma grande parte das nossas instituições militares.

Antes desta epocha, o exercito, que se chamava *hoste*, era dividido em quatro corpos, a vanguarda, a que chamavam *dianteira*, a *retaguarda*, então chamada *çaga*, e as *alas*, a que davam o nome de *costaneiras*. O commando de toda a *hoste* tinha-o o Alferes mór na ausencia delrei. Os cavalleiros mais nobres iam na *dianteira*, e os de menos conta na *çaga*: de modo que nos forcas de algumas terras que elrei queria honrar, se declarava que os cavalleiros naturaes dessas terras tivessem logar na *dianteira*, e não na *çaga* da *hoste*. Capitaneava a vanguarda o filho mais velho d'elrei: o commando das *alas* se dava aos filhos segundos, e o da *çaga* a algum bastardo. Estas divisões não eram as unicas: cada terra levava sua bandeira sobre si, e ao pé della combatiam os soldados moradores dessa terra, com preferencia de umas ás outras. Da infantaria parece que se fazia pouco caso: esta pelejava desordenadamente, com arcos e frechas, páus tostados, fundas, béstas, arremessões e outras armas de tiro, d'onde, segundo Fr. Manuel dos Santos, lhes vinha o nome de *armatoste*, ou armas ligeiras. Este foi o estado do exercito até o tempo de D. Fernando.

Foi então que a vinda a Portugal do Duque de Cambridge, com um corpo de tropas inglezas, fez com que se alterasse a organização do exercito. Creouse a dignidade de Condestavel, que ficou sendo a principal auctoridade militar, e a de Marechal que

lhe era immediata: a cargo do Alferes mór ficou só o levar e defender a bandeira real.

Foi ao Condestavel que, desde aquelle tempo pertenceu o capitanear a vanguarda. Quando elrei ia no exercito, devia todas as noites ter conselho com elle e com o Marechal. O Condestavel nomeava os coudeis ou capitães dos bésteiros; repartia os despojos das batalhas por via dos seus officiaes, e nelle residia a supremacia da justiça militar até a pena de morte. Todas as multas impostas por qualquer crime lhe pertenciam, bem como certos direitos pagos pelos mercadores e vendilhões, que andavam no exercito: em fim o Condestavel ordenava as marchas, os combates, o logar dos alojamentos, e tudo o mais que dizia respeito á direcção da campanha.

Ao Marechal competia o julgar com seu ouvidor em primeira instancia: repartir os alojamentos, ordenar as vigias, e fazer as vezes do Condestavel, em varios casos. Como este, tinha direito a diversas multas, e a certos impostos que pagavam os regatões do exercito.

Havia além destas duas auctoridades supremas, os coudeis, de que já fallámos, e que capitaneavam cada um de persi certo numero de bésteiros de conto: os outros cargos militares mais notaveis eram o de Adail e o de Almocaden.

O Adail era o que guiava os soldados, que se mandavam sair do grosso do exercito a fazer correrias contra o inimigo. Elle ordenava tudo o que tocava a estas correrias, a que chamavam antigamente *guerra guereada*. Para ellas eram escolhidos homens de pé e de cavallo, a que davam o nome de *Almogavares*, gente de ordinario a mais feroz e bravia da que havia no campo: nestes destacamentos podia o Adail nomear os *Almocadens*; e era elle quem repartia os despojos.

O Adail eleito recebia d'elrei armas e cavallo, e a espada cingia-lh'a um cavalleiro principal. Depois disto doze Adais o alevantavam ao ar sobre um escudo, e alli, com o rosto voltado para o oriente, o novo Adail dava dois golpes no ar, e em voz alta desafiava todos os inimigos d'elrei, de Deus, e da patria, e o mesmo desafio repetia, voltando-se para as outras partes do mundo. Então elrei, ou quem suas vezes fazia, lhe mettia na mão a *sina*, ou bandeira, que indicava o novo posto a que era elevado.

Os *Almocadens*, foram no 15.^o seculo os que nos primeiros tempos da monarchia se chamavam *coudeis* das *pioadas*: tinham o commando dos *piões*, ou gente solta de pé, ainda sendo bésteiros, uma vez que não fossem dos de conto. Serviam principalmente nas correrias, e entradas por paiz inimigo; eram eleitos como os Adais, com a differença de serem levantados sobre duas lanças, horisontalmente erguidas por doze *Almocadens*, e só recebiam um pendão pequeno, que deviam trazer como insignia do seu cargo.

Estes eram os diferentes postos do nosso exercito no seculo 15.^o De *pião* podia-se passar a *Almocaden*; de *Almocaden* a *Almogavar* de cavallo, de *Almogavar* de cavallo a *Adail*, e neste ultimo posto, já muito honroso, se alcançava ás vezes o gráu de cavalleiro.

Muito mais haveria curioso de apontar na milicia da idade media; mas a demasiada extensão deste artigo não nos permite ir mais longe; e de outras particularidades teremos occasião de fallar em diversos logares deste jornal.



ATAQUE DE UMA PRAÇA DA EDADE MEDIA.

CALCULOS CURIOSOS SOBRE A DIVIDA NACIONAL DA GRÃ-BRETANHA.

Um jornal inglez anterior a 1830 fez os seguintes calculos sobre a divida da sua patria, que actualmente se suppõe consideravelmente augmentada. Então a avaliavam em 700 milhões de libras esterlinas, que se podem redondamente calcular em 7:000 milhões de cruzados, supposta a lib. igual a 4:000 rs. Esta somma enorme, em bilhetes de uma libra do Banco de Inglaterra, cobriria um espaço de 4,516 milhas quadradas; convertida em guineus faria uma linha de 10,521 milhas e 558 jardas de comprido; em schellings faria outra fileira, ou renque de 209,959 milhas e 1,048 jardas, ou quasi nove vezes a circumferencia do globo, porque a circumferencia da terra se reputa ser de 23,083 milhas. Esta mesma somma pezaría em ouro 14:981,272 lib.; em prata 325:305,451 lib.; em cobre faria 4:687,500 tonneaux. [O tonneau se avalia em vinte quintaes, e occupa 40 pés cubicos.]

Para contar toda a quantia, a razão de cem peças de moeda por minuto, e gastando doze horas em cada dia, seria preciso; se fosse em guineus, 27 annos 6 mezes duas semanas 5 dias e 6 horas; se fosse shelling, 578 annos 3 mezes 2 semanas 2 dias e 4 horas; e se fosse em moeda de cobre, e se começasse na criação do mundo, segundo a vulgata, ainda seriam precisos mais 1,132 annos. Finalmente para levar a totalidade da divida em cobre, seriam precisos 9,375 navios do porte de 500 toneladas.

DUAS PALAVRAS SOBRE JARDINS.

Nos ultimos tempos de Roma antiga, os jardins eram

povoados de estatuas, guarnecidos de vasos e obeliscos, e adornados com terraços, e columnatas, cujo effeito geral, apesar das arvores e flores, produzia a impressão d'um estilo de architectura, accessoriamente aformoseado pela natureza, e nunca a de uma vegetação copiosa, ou engraçada. As obras do esculptor, e do architecto, ostentadas fóra de proposito, e de logar, tyrannisavam os jardins, e por isso se dizia geralmente, construir, ou edificar jardins, [*hortos edificare*]. A Italia moderna, herdeira do gosto dos romanos, continúa a subordinar a natureza á arte; ainda lá se *edificam jardins*. Até o presente o pouco, que ha disto em nossa terra, é modelado por este gosto facticio, e pesado: ultimamente já alguns proprietarios, e artistas se vão resgatando da mania obstinada de seguir em tudo ás cegas os antigos, e preferem com rasão as sensações, que motiva a simples natureza, magestosa e aprazivel, aos mesquinhos effeitos da arte captiva dos preceitos, que dictára a servil imitação. Já hoje muita gente [principalmente os genios melancolicos, e sensiveis] conhece que a belleza d'um jardim não consiste em regulares, e monotonos muros de verdura, em subjugar sempre o livre curso das aguas aos caprichos de repuchos artificiaes. Todos apreciam as horas deliciosas, que em algum momento da vida passaram á sombra de copadas alamedas, juncto de limpidos ribeiros, onde ao cantico das aves se misturava o susurro das aguas; e todos as comparam com a fastidiosa impressão d'um passeio em qualquer jardim symmetrico. Bem sabemos que a arte, ou industria humana ha-de forçosamente entrar na composição destas artificiaes imitações da natureza, mas queremos que esta appareça no grau mais proximo possivel da sua nativa singeleza, e magestade; e que os effeitos da mão do ho-

mem alli se disfarçem o mais que possa ser; e assim melhor sobressairá o profundo contraste da cultura, e da natureza silvestre: uma certa combinação das obras espontaneas desta com as da arte humana deve dar mais realce a umas, e a outras, e será um manancial de gratas impressões para o espirito, e para a imaginação. Não serão talvez inuteis para os nossos proprietarios, que pretenderem aformosear as quintas, estas breves reflexões: assim como o não foram para os francezes os cantos dos muitos poetas descriptivos do seculo passado [*]. Em França, antes de conhecerem os jardins inglezes, *desenhavam-os* em linhas rectas, em curvas symmetricamente oppostas, em quadrados, em parallelogrammos; geometria rigorosa por toda a parte. Tudo era *desenhado* no gabinete; as ruas, os maciços, os taboleiros, os grupos das arvores, e de flores, sem nenhuma attenção para com os pontos de vista. Em Inglaterra, e na Allemanha, *plantam-se* os jardins, cuja perfeição consiste em os associar ás localidades, em estudar e aformosear a paizagem e terreno, que se apresentou ao jardineiro. A França começou a pôr em practica este principio pelo meado do seculo passado; e posto que admire ainda em Versailles a magestade das ruas dilatadas, e regulares, e a reunião das divindades do Olympo, distribuidas pelos bosquesinhos, e avenidas, no meio destas recordações historicas, e mythologicas, prefere-se sempre a variedade dos jardins inglezes, as sinuosidades das ruas, o encontro imprevisto d'um maciço d'arbustos anões, as frequentes mudanças de paizagem. Todavia conheceu-se que sendo compostas as curvas, na apparencia irregulares, que cercam os maciços, de fragmentos de curvas geometricas, como a circumferencia do círculo, a ellipse, a cycloide, etc., a vista se recreia mais do que sendo formadas ao acaso, e pelo capricho da mão, que as desenha: e tanto maior impressão fazem quanto menos parece que a arte estudou traça-las, e quanto mais livremente se deixam copar, e entrelaçar os arbustos.

A ESPONJA.

Os zoophytos constituem a ultima escala na historia dos animaes, e é por elles que a vida sensivel passa gradualmente á existencia insensivel. Dos zoophytos, o ultimo genero é formado pelas esponjas. Esta producção marinha bem conhecida é usada em diversos misteres desde mui remota antiguidade. Os naturalistas por largo tempo duvidaram se haviam de collocar-la no reino animal, se no vegetal. A maior parte delles assenta hoje em fazer da esponja o ultimo termo da vida animal. Ha quasi cincoenta differentes especies de esponjas. Aham-se no Mediterraneo e nos mares de regiões quentes ou temperadas, diminuindo em numero, e tornando-se de inferior qualidade, quanto mais se vão chegando para os climas frios. Vivem ou vegetam agarradas aos rochedos por sitios mais resguardados dos embates das correntes e das vagas, mas que não fiquem fóra do alcance do rôlo do mar. As melhores esponjas que ha são as que vem do Archipelago, onde abundam nas costas de varias ilhas, cujos habitantes, segundo dizem, subsistem da pesca das esponjas, se é licito servirmo-nos desta expressão. Nas Cyclades, por exemplo, o ír tirar de mergulho as esponjas é a principal occupação do povo. O mar por aquellas paragens é muito christallino, e os mergulhadores, ensinados da experiencia, enxergam de cima da agua as rochas a que em baixo as esponjas estão pegadas; quando a muito cus-

to apenas poderiam vêr o fundo pessoas pouco practicas neste exercicio. Cada barca leva atado a um cabo um pedregulho, o qual o mergulhador toma nas mãos, deitando-se da pôpa abaixo. Isto serve para augmentar a velocidade da descida, com o que poupa a respiração, e póde ajudar-se quando sóbe, sendo içado pela companha. Poucos destes pescadores tem folego para poderem estar mais de dois minutos debaixo da agua; e por ser assaz custoso o arrancar as esponjas das pedras, tres, e ás vezes quatro, mergulhadores descem successivamente para colher algumas de superior qualidade.

A melhor esponja é a mais esbranquiçada e leve, a que tem os buracos mais miudos, e que é macia. Na medicina antiga a esponja era tida em conta de remedio para um grande numero de enfermidades: este numero está hoje reduzido a bem pouco; contudo a esponja queimada, modo porque unicamente se applica, ainda entra em algumas preparações pharmaceuticas.

A DANÇA.

Um rei do Ponto, na Asia Menor, achando-se em Roma no tempo de Nero, assistiu a uma pantomima, que representava os trabalhos d'Hercules. Tanto o captivou o dançarino, que fazia o papel do heroe, com tanta facilidade seguiu o fio da acção, tão perfeitamente comprehendeu todas as circumstancias, que se deliberou apedir ao imperador lhe desse de presente aquelle extraordinario mimico. "Não vos assombre a minha rogativa (disse o rei): tenho por visinhos uns barbaros, cuja lingua ninguem percebe, e que nunca poderam aprender a minha. Os gestos deste homem alcançarão insinuar-lhes as minhas deliberações."

Esta anecdota, que á primeira vista parecerá ridicula, encerra todavia nas palavras do monarcha asiatico a idéa mais profunda, que se póde dar, do que é a dança. A dança é o gesto do homem em toda a sua plenitude: a dança, que souber exprimir os sentimentos internos da alma com toda a magia das fórmas exteriores do corpo, com toda a graça das attitudes, com toda a impetuosidade dos movimentos, póde ser, em certas circumstancias, uma linguagem universal, comprehensivel até para o selvagem, que estiver no ultimo degrau da escala da humanidade.

Os antigos navegantes, que n'uma imperfeita embarcação d'algumas toneladas, honrada com o pomposo nome de fragata, se aventuravam aos gelos do pólo, e ao encontro de povos barbaros, conheciam bem o poder da musica, e da dança, e recorriam a este prestigio para applanar as difficuldades da primeira communicação com os insulares daquellas regiões. Dest'arte, John Davis, quando em 1585, penetrando no estreito do seu nome, se viu cercado das canoas dos seus naturaes, mandou aos seus musicos tocar, e aos marujos dançar: os selvagens, gente simples, e sem más intenções, comprehenderam logo estes signaes de benevolencia; e tanto os captivou o bom acolhimento, que em breve tempo iam trinta e sete canoas, ou pirogas, acompanhando os dois pequenos navios da expedição.

Parece averiguado que, ou nascesse do instincto, ou do raciocinio, a precisão d'exprimir, por meio de movimentos cadenciados, um aggregado de sentimentos, que a linguagem mais expressiva não alcançaria transmittir, foi a introductora da dança em todos os povos, em todos os tempos, em todas as occasiões.

Os sacerdotes salios, que Numa instituiu para o culto de Marte, executavam danças nos sacrificios,

[*] Já que vem a proposito, de novo recommendamos a excellente versão de Delille pela nosso Bocage.

e festas sollemnes: em outros muitos logares appareciam individuos inspirados, que principiando uma dança compassada, pouco a pouco adquiriam enthusiasmo, e fingindo-se repassados do espirito da deidade, que veneravam, sacudiam-se com violencia, e practicavam rapidas contorsões, assombro do povo credulo, que lhes chamava *furor sagrado*.

Os egypcios dançavam perante o boi Apis quando o inauguravam nume, e em todas as festas em honra sua, e até nas exequias quando morria. A religião judaica tambem admittia a dança nas suas cerimoniaes: David dançou diante da arca da alliança, e nos primeiros tempos da Igreja havia uma dança, que era a demonstração exterior da dependencia das creaturas, e uma expressão primitiva de reconhecimento. Hoje mesmo folga a mocidade nas danças da noite de S. João: e em muitas partes do nosso paiz as funcões da Pentecostes são tambem celebradas com danças.

Os derviches turcos usam uma especie de *sarilho* tão rapido e violento, que a final cahem esfallados, e sem sentidos, e pertendem com exercicio tão penoso celebrar a festa do seu fundador, que, dizem elles, dançou assim quatorze dias sem descansar ao som da flauta do seu companheiro.

E' naturalissimo dançar nas vodas, e festins; e nisto os povos modernos seguem os antigos: porém já se não usa dançar nos funeraes, como os athenienses, e os romanos. Estes ultimos, nestas tristes occasiões, tinham introduzido uma costumeira mui singular; isto é, o *archimimo*, que com uma mascara parecida ao defunto, vestido com o fato deste, representava em dança os actos mais notaveis, bons ou maus, da pessoa, que fingia. Era uma casta d'oração funebre em acção e gesto; e asseveram alguns que era imparcial.

A historia nos conservou cópia de factos relativos á dança na antiguidade, e sabemos que as rivalidades dos dançarinos do theatro por vezes suscitaram motins entre os seus acalorados partidistas. Nos theatros modernos ainda estas intrigas produzem turbulencias, menos violentas é verdade, graças á civilisação.

O sábio e sisudo Socrates era summamente apaixonado pelas danças, que lhe ensinára Aspasia. O grave e carrancudo Catão, aos sessenta annos, tomou mestre de dança para poder apparecer convenientemente nos bailes. Estes espectaculos, e danças mimicas dos romanos tinham tal verdade de acção e de caracteres, que os espectadores se penetravam dos affectos dos representantes, e os imitavam. Nos povos mais polidos da Grecia acontecia outro tanto. Conta-se que pondo-se no theatro d'Athenas a dança das Eumenides, furias encarregadas da vingança dos numes, foi tal a impressão d'horror, e espanto, que o povo fugiu espavorido, guerreiros experimentados tremeram como varas verdes, e até o venerando Arcopago enfiou, e deu signaes de perturbação.

O AGOURO.

ABBAS, o Grande, andando á caça nos arredores de Netheny, cidade pequena situada n'um valle estreito entre duas montanhas, encontrou uma manhaã, ao romper d'alva, um homem descomedidamente feio e disforme, a cuja vista inopinada o cavallo se espantou, e sacudiu o monarcha da Persia, que quebrou a cabeça. Foi logo agarrado o pobre camponio; e estando a pontos de ser alli mesmo justigado, rogou o infeliz lhe explicassem seu crime. "Teu crime [disse o rei] é a tua sinistra, e feissima cara, o primeiro objecto, e de mau agouro, que eu vi logo pela ma-

nhaã, e que occasionou o meu desastre." — Ai de mim, senhor! [exclamou o campones] Desse modo, que nome darei eu á cara de vossa Magestade, que foi o primeiro objecto, que meus olhos hoje viram, e vai ser a causa da minha morte! — Abrandaram o principe o feliz repente, e a presença d'espirito do homem; e mandou que o soltassem, e, em cima de lhe poupar a vida, o brindou com algum dinheiro. — Sketches of Persia. —

O DESAFIO.

CERTO official superior de um exercito estrangeiro foi desafiado por um mancebo do seu paiz, que era senhor de muitos bens; e respondeu ao cartel pouco mais ou menos nos seguintes termos — "Nenhum desafio deve ter logar senão com armas iguaes, e com todas as mais circumstancias iguaes. Quanto á escolha das armas nenhuma dúvida se offerece: porém as circumstancias são entre nós mui diversas. Eu tenho mulher, e cinco filhos, que todos comem bem, e vivem unicamente do meu soldo: vós não tendes familia, e possuis uma opulenta herança. Por tanto para se effectuar o nosso desafio é necessario ajustar seguramente uma condição preliminar. Se eu succumbir, o meu provocador ficará obrigado a pagar de futuro á minha familia o meu soldo, como pensão. Se estiver por isto, eu marcarei o dia, e a hora." — Esta resposta deu logar a serias reflexões; e o mancebo resolveu-se a ir abraçar como amigo o seu adversario.

TALISMANS PROTECTORES DE CONSTANTINOPOLA.

Todos sabem que os turcos dão sempre a Constantinopola o epitheto de *bem guardada*. Eis-aqui o que escrevia no comêço do xvii seculo um auctor musulmano a respeito dos talismans, que segundo a crença popular, tinham protegido ou protegiam ainda então a cidade de Constantinopola.

1.^o Ha no mercado das mulheres [Avret Bazari] uma columna de marmore branco, edificada por Jank, filho de Madian, que fez esculpir na sua superficie as figuras dos povos que vencéra. Tinha antigamente no vertice uma elegante figura de mulher, a qual em certo dia do anno dava um grito tão forte, que muitas centenas de milhares de aves de toda a especie caíam por terra, e serviam de alimento aos habitantes. No tempo de Constantino os frades lhe puzeram um sino para dar rebate á chegada dos inimigos. Quando nasceu o propheta foi esta columna derribada por um violento terremoto, mas, graças ao talisman, não pôde ser de todo destruida, e apresenta ainda hoje um espectáculo maravilhoso. [E' a columna de Arcadio.]

2.^o No mercado das gallinhas [Tawouk Bazari] ha outra columna de pórfido vermelho, alta de cem covados. Tambem a damnificou o tremor de terra precursor do nascimento do propheta, gloria do mundo. Constantino lhe tinha posto em cima um talisman da figura de um estorninho. Uma vez em cada anno, saccudia o estorninho as azas, e fazia cair passaros, que traziam cada um d'elles tres azeitonas, uma no bico, e duas nos pés. [E' a columna de Theodosio.]

3.^o No mercado dos correieiros [Serradj-Khané] ha no cimo de uma estatua que se ergue ao ceu, um pedaço de marmore branco, que serve de tumulo á desventurada filha d'um rei chamado Byzantino. E' um talisman que affugenta as formigas e cobras. [E' a columna de Marciano.]

4.^o Veem-se na praça dos Seis Marmores [Alti Mermer] seis columnas, sobre cada uma das quaes havia um observatorio, obra dos antigos sabios.

Na primeira estava a figura d'uma mosca negra feita pelo sabio Filikus, a qual zumbia de continuo, e lançava todas as moscas para longe de Constantinopola.

N'outra o divino Iflatoun [Platão] havia posto a figura d'um mosquito, que tambem fazia fugir todos os mosquitos e moscas.

Na terceira havia o sabio Bocrat [Hippocrates] collocado a figura d'uma cegonha, cujo grito fazia morrer as cegonhas que viessem aninhar-se em Constantinopola; de sorte que até hoje nem uma só veio fazer ninho na cidade, posto que haja muitas no suburbio de Abou-Eyyoub-Ansari.

Na quarta, tinha posto o sabio Socrates um gallo de bronze, que todas as vinte e quatro horas batia as azas, e cantava de modo que lhe respondiam todos os gallos de Constantinopola. E' factó certo, diz o auctor que os gallos desta cidade cantam mais cedo que os dos outros paizes. Quando é meia noite advertem com o seu ku, kiri, ku os homens preguiçosos e negligentes de que se approxima a hora das rezas.

Na quarta columna tinha posto Pythagoras no tempo do rei Salomão, a figura d'um lobo, feita de bronze, que era o terror destes animaes, de sorte que os rebanhos podiam pascer sem pastor, e viver seguros no meio dos lobos.

Na quinta estavam representadas em bronze as imagens de dois esposos com os braços enlaçados. Bastava para pôr termo ás rixas ou á frieza, perturbadoras da paz domestica, que um dos esposos viesse abraçar-se com esta columna, obra do sabio Aristotali [Aristoteles].

Finalmente na sexta havia duas figuras de estanho, feitas pelo medico Galinous [Galeno]; uma representava um velho corcovado e decrepito, e defronte d'ella uma velha carrancuda e com um par de beiços semelhantes aos d'um camelo. Quando alguém não lograva a felicidade domestica, vinha abraçar a columna, e podia ir certo de que teria logar a separação. Estes talismans jazem hoje enterrados.

5.^o No chão dos banhos do sultão Bayazid Veli havia uma columna quadrangular, de oito covados de alto, alçada por um sabio antigo chamado Kirbarya, a qual era um talisman contra a peste, que nunca reinou em Constantinopola, em quanto se conservou em pé. Foi demolida pelo sultão, que deu o nome áquelles banhos, e no mesmo dia um dos seus filhos morreu da peste, que d'então para cá nunca deixou de affligir Constantinopola.

Menciona tambem o tal auctor muitos outros talismans, como por exemplo a columna de 150 covados de altura no At-Meidan, o obelisco de pedra vermelha que ainda allí se vê, e um dragão de tres cabeças, que tinha a virtude de affugentar as cobras, mas que a perdeu, desde que Selim II lhe deu com a hacha d'armas.

Havia ao todo 366, sem contar os que diziam respeito ao mar; destes, uns affastavam dos portos os navios inimigos, ao mesmo tempo que outros, faziam com que houvesse felizes pescarias, ou dissipavam as tempestades.

NOVO CURTIMENTO DE COUROS.

EXPERIENCIAS recentemente feitas provaram que o bagaço da uva, depois de espremido, é preferivel á casca do carvalho para o curtimento dos couros. — Depois de se haverem preparado as pelles segundo o

modo ordinario, se collocam em tinas, supprindo-se o curtume com o bagaço da uva. Trinta e cinco, ou quarenta e cinco dias bastarão para que o curtimento seja completo. Disto se tirarão as vantagens seguintes: 1.^a de fazer obra em menos tempo; 2.^a de poupar no custo da casca de carvalho; 3.^a de dar ao couro um cheiro suave e agradável em vez do do curtume da casca que de ordinario é enjoativo; e 4.^a finalmente, o couro assim preparado dura o dobro do preparado com a casca de carvalho.

FABRICO DE VELLAS.

ENTRE todos os meios que ha para endurecer o cebo no Verão, o uso da pedra hume, e o branquealo em logares sombrios e humidos, merecem sem contradicção a preferencia. Não obstante isto, uma pequena quantidade de sulfato de zinco, [capa-roza branca] ou ainda melhor de acetato de chumbo [sal de chumbo ou de saturno] impede tambem que as velas amollegam com o callôr, e faz que ardam por mais tempo sem se derreterem.

BRANQUEAMENTO DOS TECIDOS DE LAÃ.

A raiz pulverisada de uma especie de pilriteiro, [o leonticis leontopetalon] que se vende com a denominação de saponaria do Egipto, ou de raiz de Hungria, e que se acha facilmente, é uma raiz cinzenta esbranquiçada, sem cheiro, e cujo sabor acre bem se distingue. Esta raiz deixa na agua uma mucilagem mui grossa que limpa bem os tecidos de laã, e os torna macios. Na Hungria serve nas lavagens das laãs para lhes dar consistencia e flexibilidade.

Leituras familiares. — Poucos pensam na influencia que podem ter as leituras familiares bem continuadas, e bem dirigidas. Além de crearem habitos caseiros, reunindo a certas horas fixas todos os que moram debaixo do mesmo tecto, produzem em todas essas pessoas simultaneo effeito; e augmentando o numero de seus pontos de contacto estreitam necessariamente os vinculos do parentesco. A communitade d'instrucção, e de sentimentos, que resulta destas leituras põe em harmonia os espiritos, e os corações. Vivem na mesma atmospheria de pensamentos, e comprehendem-se reciprocamente, porque todos beberam as doutrinas nas mesmas fontes. Assim como no physico a hygienia d'uma familia influe em todos os membros della, e lhes incute precisões iguaes de alimentos, de vestuario, e de habitação, da mesma maneira a communitade do regimen moral lhes deve influir doutrinas, e affectos identicos. Fazer estas leituras de familia é acostumar os espiritos a tomarem tambem em commum o seu alimento.

 Os Senhores Accionistas que ainda não satisfizeram a segunda prestação de suas acções, e a assignatura deste jornal, na conformidade do Art. 10.^o e 16.^o dos Estatutos da Sociedade, são convidados a fazêlo no prazo de quinze dias depois da publicação deste annuncio, aliás ficarão incursos na disposição do Art. 11.^o dos mesmos Estatutos.

Escritorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA—NA TYPOGRAPHIA DA MESMA SOCIEDADE.